

CREMERMERJ

Journal

ÓRGÃO OFICIAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ENCARTE ESPECIAL

30 ANOS DA INVASÃO

Setembro de 1966, militares ocupam a Faculdade Nacional de Medicina. Sete anos depois, o prédio é destruído



Antigo prédio da Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, memória da Medicina brasileira, destruído em 1973



ábado, 12 de outubro de 1918, um agradável dia de primavera no Rio de Janeiro (...). Os jornais noticiavam a ocorrência de numerosos casos de "influenza" na cidade sem imaginar que já noticiavam a epidemia de gripe, denominada "espanhola", que, nos próximos dias mataria, em todo o mundo, mais de vinte milhões de pessoas. As notícias (...) prenunciavam o fim da Primeira Grande Guerra (...). Porém, para os médicos de todo o Brasil, uma notícia destacava-se entre todas: a inaugura-

ção da nova Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, localizada na Praia Vermelha, concretizando o sonho de cento e dez anos, de professores e estudantes, que, desde a criação dos primeiros cursos de ensino médico, em 1808, sonhavam com instalações próprias e condignas (...)

Janeiro de 1973. Cumpre-se a determinação de mudança da faculdade para a Cidade Universitária da Ilha do Fundão. Caminhões param na mesma porta que recebera os primeiros convidados. Caixotes são transportados levando para as novas instalações da Ilha do Fundão

tudo o que, numa pressa inexplicável, pode ser transportado. Tudo, menos a tradição e o amor de gerações. Num fim de tarde, vazio o prédio, as belas portas de madeira lavrada fecharam-se pela última vez. Rápido, muito rápido (...), o prédio foi destruído, e o material que, para todos que por ali passaram não teria preço, foi vendido como material de demolição (...). Destruiu-se, assim, também um monumento à história da Medicina brasileira.

(Extraído do livro "Biografia de uma Faculdade", de George Doyle Maia)

Invasão à memória



No dia 22 de setembro de 1966, as tropas de choque da Polícia Militar ocuparam a então Faculdade Nacional de Medicina. Era o Dia Nacional de Protesto contra a Ditadura e assembleias gerais nas faculdades e passeatas pelas ruas estavam programadas. Às 10 horas centenas de universitários resolveram ocupar a reitoria da UFRJ para reivindicar questões referentes ao movimento estudantil, como a liberdade dos estudantes presos, a reabertura das entidades fechadas e as eleições diretas nos Diretórios Centrais. Após várias tentativas fracassadas de entendimento entre autoridades e estudantes, o prédio foi todo cercado pela Polícia Militar. Preocupado com o motim, que reunia representantes de todos os cursos da UFRJ, estudantes secundaristas e alunos de outras faculdades, o Reitor Pedro Calmon procurou aliviar a tensão convidando-os para um almoço no bandeirão da Faculdade de Medicina. Embora estivessem cercados por centenas de soldados, os estudantes se dirigiram quase que em passeata, para o bandeirão.

Na Faculdade de Medicina, concentraram-se então mais de 500 estudantes. Os professores Paulo da Silva Lacaz, Clementino Fraga Filho e Bruno Alípio Lobo também estavam no interior do prédio, mas após várias tentativas de conciliação, decidiram sair. Pouco depois todas as luzes daquela parte do bairro se apagaram e as tropas de choque da Polícia Militar arrebentaram as portas dos fundos da faculdade. Armados de capacetes, máscaras contra gases, bombas e cassetetes, os policiais invadiram o prédio. Parentes que se aglomeravam do lado de fora e que até então vinham ajudando com mantimentos e roupas, assistiram as cenas de horror sem nada poder fazer. Os estudantes que não conseguiram fugir se refugiaram no terceiro andar, onde funcionava a Anatomia. Depois de dominá-los, a polícia fez um corredor polonês, obrigando-os a descer as escadas até o térreo, sob pancadas de cassetete. Muitos foram presos e mesmo os que se livraram foram fichados.

Trinta anos se passaram e as cenas da madrugada de 22 de setembro continuam registradas na memória de quem participava do movimento estudantil. Junto a este fato, outro episódio traumático para os ex-alunos da Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha foi a demolição do prédio, em janeiro de 1973. Em 53 anos de ativi-

dade, mais de 10 mil médicos se formaram pela Nacional e muitos deles não puderam deixar de assistir, perplexos, a destruição do prédio. O fato, até hoje, divide opiniões de ex-professores e alunos. Para alguns, o episódio se deu por razões políticas relativas ao período de ditadura militar. Para outros, a efervescência política nada tem a ver com a decisão de construir outro prédio para a faculdade, na Ilha do Fundão. No livro - Biografia de uma Faculdade - História e Estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, George Doyle Maia, ex-aluno e atual professor adjunto da UFRJ, registra os fatos mais importantes ocorridos entre 1918, data da fundação da faculdade, e 1973. Mesmo sem relacionar a repressão militar com a destruição, ele conta como o episódio foi traumático, para todos os que passaram pela Nacional:

O Nicodemo. O jalaoba. (bis)

*O esqueleto da Faculdade
Tava guardado em criolina
Mas já acordou e já gritou
Que a maior é a Medicina,
A Nacional de Medicina é escola papa-fina
Não é escola pra menina ... feia!*

- Foi tudo muito rápido, como costumam agir as companhias imobiliárias quando querem evitar que algum apelo sentimental impeça sua ação demolidora. O prédio foi destruído sem deixar vestígio. Nenhuma voz, naquele tempo de ditadura militar, levantou-se para defender a preservação do prédio - queixou-se George Doyle, que em seu livro tenta preservar a história da Faculdade.

Ex-aluno, o vereador Milton Nahon (PSB-RJ) resolveu passear pela Praia Vermelha, e tomou um susto quando se deparou com a ausência do prédio. Aluno na época da invasão, e ex-presidente do Diretório Acadêmico, ele ficou chocado diante das ruínas e mesmo sem ter participado ativamente do episódio do dia 22 de setembro, concluiu que a ação teve uma conotação política.

- Não bastaram as sacetadas da madrugada de 22 de setembro. Era preciso punir o movimento estudantil. Por isto o Governo militar derrubou aquele prédio e não construiu nada no lugar. Na época havia manifestações em todos os prédios da universidade. Por que foram destruir

justamente aquele? Não acredito que tenha sido nenhuma coincidência.

Na sua opinião foi um mecanismo especial de punição dos médicos, que, pelo menos no passado, estavam entre os profissionais liberais formadores de opinião, assim como os professores, e isso incomodava, afirma Nahon.

Segundo George Doyle, o Conselho Universitário nada mais fez do que cumprir com uma determinação que estabelecia a obrigatoriedade de venda de todos os imóveis da Universidade para o término das obras da Ilha do Fundão:

- Poderíamos ter lutado pelo tombamento, mas ninguém protestou. Os engenheiros, por exemplo, conseguiram salvar o prédio de Largo São Francisco. O mesmo aconteceu com os estudantes da Faculdade de Direito, no Moncorvo Filho, e com o Reitor Pedro Calmon, que conseguiu salvar o prédio do Hospital dos Alienados.

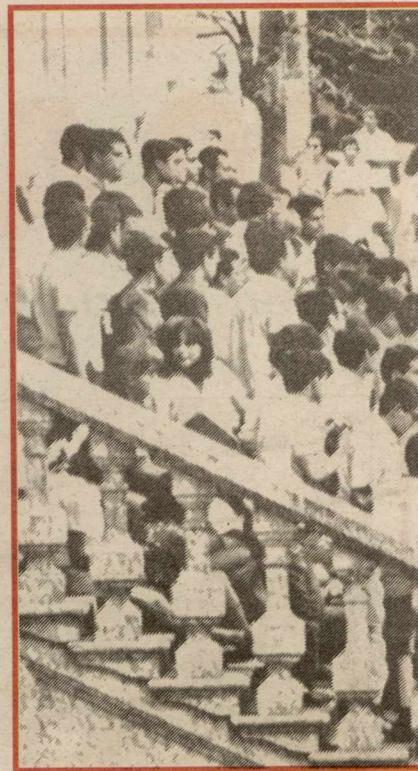
José Carvalho de Noronha, que na época era tesoureiro do Centro Acadêmico da Faculdade, foi um dos que participou da manifestação e acabou apanhando da polícia. Segundo ele, o episódio simboliza a capacidade de resistência do movimento estudantil à Ditadura, numa época em que a moda era ser solidário e idealista:

- Nós, jovens, tínhamos muita esperança de lutar pela liberdade e acreditávamos que com a nossa força seríamos capazes de construir um país mais democrático, livre e justo. A luta por questões do movimento, como a ampliação do número de vagas, universidades mais democráticas e o fim da censura eram algumas de nossas reivindicações, conta.

Segundo José Noronha, os jovens não tinham intenção de "ocupar" a área, mas ainda assim eram tratados como subversivos.

Encurralados na sala de anatomia, os estudantes viveram cenas de filmes de terror. Cada um se refugiou onde pode, em meio a um ambiente de dissecação, com forte cheiro de formol e cadáveres para todos os lados:

- Na época, sempre que se ouvia o hino nacional, era preciso parar. Então nós aproveitamos toda aquela situação e resolvemos cantar o hino para atrasar a surra da polícia. Enquanto não terminamos, eles nada puderam fazer, mas assim que o hino acabou, todos nós apanhamos muito. Uma amiga minha teve o cabelo escalpelado e foi parar no Miguel Couto naquele dia para fazer uma sutura. E eu saí correndo, depois do horror do corredor polonês, na direção da rua Wenceslau Brás, afirma José Noronha.



Os estudantes saem pela porta pri

Preser

Além de formar várias gerações de médicos em 55 anos, a Faculdade Nacional de Medicina foi palco de histórias diversas. Por seus recantos circulavam inúmeros personagens que, graças à tradição oral, ainda não foram totalmente esquecidos.

- Quem passou pela Nacional não pode deixar de conhecer figuras lendárias como o "velho Magalha", um mixto de porteiro, fiscal e mestre de cerimônias especialmente escalado para as festas de formatura.

Trabalhando nas horas vagas nos bailes do Hotel Glória, o velho Magalha costumava facilitar a entrada dos alunos da Nacional nos bailes de Carnaval. sem antes, é claro, exibir a mesma ta, seguida rapidamente da frase - tra aí garoto, entra logo..." - lembre-se do Presidente do CREMERJ, Bartholomeu de Figueiredo Coelho.

Ele conta que, certa vez, em visita à Faculdade, o presidente Juscelino Kubistscheck, recebido pelo velho Magalha, acabou sendo confundido com um professor. Exibindo o seu manto, Magalhães ficou à porta, recebendo os cumprimentos de JK e acabou se pendendo, sem piscar, como se realmente do corpo docente da faculdade. Após presenciar a cena, os estudantes bateram palmas para o Magalha.

da Medicina no País



da Faculdade, durante a invasão da Polícia, em 22 de setembro de 1966



A Polícia reprimiu os estudantes com um grande pelotão

da a tradição oral



da Nacional quando ainda tinha só dois andares

No pátio fronteiro à Faculdade de Odontologia, foram colocados vários cartazes: "Área sob administração universitária. Permitida a entrada até de militares". A Polícia do Exército, a partir de então, interditou o local durante vários dias. Em represália, os estudantes resolveram "fazer uma brincadeira". Foram ao depósito de lixo do Caju e sob a desculpa de que precisavam de alguns urubus para as aulas de parasitologia, conseguiram levar quatro animais para a faculdade. Esconderam as gaiolas no telha-

do e ficaram aguardando o momento mais propício para libertá-los.

- No dia seguinte - continua - durante um comício, com a presença dos alunos de Direito da CACO, resolveram soltar os urubus. Cercados pela Polícia do Exército, os estudantes da Nacional chegaram até mesmo a tentar convencer o Reitor, Pedro Calmon, a abrir as gaiolas. Sempre agindo com muita diplomacia, Calmon negou-se a fazê-lo e continuou tentando apaziguar os ânimos. Os alunos resolveram soltar por conta própria os urubus. A revoada, é claro, causou muita indignação na tropa que cercava o comício, e mais uma vez, os militares da Praia Vermelha nada puderam fazer contra os estudantes.

Segundo Bartholomeu, a revoada de urubus promovida pela turma de 1961 foi outro episódio que virou notícia nos jornais da época. "Sempre em atrito com o Coronel do Exército Vieira Ferreira, síndico do Edifício da Praia Vermelha, exclusivo de oficiais do Exército, a turma não perdia a oportunidade de devolver os insultos e a arrogância do militar, sempre que possível".

- Certa vez - conta o Presidente do CREMERJ - o coronel, irritado com a presença constante de um casal de namorados, estudantes de Medicina, na agência do correio da Praia Vermelha, não demorou a expulsar os colegas e a fechar a agência. O incidente foi motivo de passeatas, sempre reprimidas sob pancadaria.

Nosso pioneirismo

Segunda escola médica criada no país - a primeira foi a de Salvador - a Faculdade Nacional de Medicina sempre foi pioneira no que diz respeito ao ensino médico, constituindo-se no berço de sucessivas reformas, que ocorreram tanto nas disciplinas clínicas como nas básicas, e dos avanços tecnológicos da Medicina.

Nela nasceram os primeiros órgãos de pesquisa e se desenvolveram as ciências fisiológicas e morfológicas com grandes nomes como os de Fróes da Fonseca (Anatomia), Carlos Chagas Filho (Biofísica), Paulo de Góes (Microbiologia), Paulo Lacaz (Bioquímica) e tantos outros. A Nacional foi pioneira ainda no estabelecimento do internato (antes informal e não obrigatório, depois formalizado e regulamentado por Resolução do Conselho Federal de Educação), tão importante para a formação do médico.

Segundo o professor Clementino Fraga Filho, responsável pela implantação do Hospital Universitário na Ilha do Fundão e durante muitos anos seu diretor, além de ter ocupado entre outros cargos o de diretor da faculdade e reitor da universidade, o grande movimento de reforma do ensino médico, que ocorreu no mundo a partir de 1910, com o chamado Relatório Flexner, encontrou ressonância no Brasil através da Nacional, que procurou adotar seus princípios e divulgá-los para todo país.

- Na década de 70, houve uma série de reformulações do ensino médico quanto ao currículo, todas incentivadas pela Nacional, com repercussão nas demais escolas do país. A Faculdade teve ainda representação na Comissão de Ensino Médico do MEC, de 1971 até 1989, quando foram elaborados seis documentos, que conde-

navam a proliferação desordenada de novas Escolas de Medicina, recomendavam a articulação das instituições de ensino com os serviços de saúde e a elaboração de uma legislação que regulamentasse o Internato e a Residência Médica - lembra Clementino, que atualmente faz parte da Comissão de Ensino Médico do CREMERJ.

A reação contra a especialização exagerada no ensino de graduação e a revalorização da formação clínica geral, objetivando a preparação do médico generalista, partiu da Nacional, uma das pioneiras também na criação dos cursos de pós-graduação em 1971. Clementino observa que, na década de 70, a Faculdade plantou conceitos importantes sobre a educação médica, apesar da época de agitação política, de ditadura, de movimentos estudantis e de mudança para o Fundão.

- Era uma época externamente difícil. Para os alunos representávamos o Governo e o Governo nos acusava de proteger os estudantes

Para Clementino, faltou um movimento político forte de toda a universidade para preservar o prédio da antiga Nacional.

- Temos que nos penitenciar pelo que deixamos de fazer, apesar de reconhecer as dificuldades políticas do momento de autoritarismo que vivíamos. Alunos e professores não tiveram condições para resistir àqueles ato de violência cultural contra a memória do ensino médico.

Clementino Fraga diz que a mudança para o Fundão era necessária para que pudessemos nos expandir e investir no hospital universitário. "Mas gostaria de ver de pé o antigo prédio da Praia Vermelha, seja por que preço fosse", lamenta.

Momentos da nossa história

MEMÓRIA

13 de setembro de 1966. Estudantes da Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, deflagram greve em solidariedade aos universitários da Faculdade de Direito, que protestavam contra o pagamento das anuidades, e cujo Diretório Acadêmico (CACO) fora dissolvido pelo Conselho Universitário.

No dia seguinte, estudantes das faculdades em greve - Medicina, Ciências Médicas, Direito e Arquitetura -, contrários à política do Governo Federal realizam passeata.

Para que melhor se possa compreender este movimento dos estudantes, faz-se necessário reportar-se à conjuntura política dos anos 60.

Abril de 1960. Juscelino Kubitschek de Oliveira inaugura Brasília, a nova capital do país.

No dia 3 de outubro do mesmo ano, após intensa campanha presidencial, Jânio Quadros obtém vitória, somando 5.636.623 votos (48% do total).

Com a mudança da capital para o Planalto Central, nasce o Estado da Guanabara, elegendo como o seu primeiro governador, Carlos Lacerda.

25 de agosto de 1961. Jânio Quadros renuncia após 7 meses de mandato.

Nesta conjuntura, para garantir a posse do vice-presidente, a UNE (União Nacional dos Estudantes) se projeta na luta pelas liberdades democráticas, participando ativamente da Campanha da Legalidade. O Congresso, após tentativa de golpe militar, institui o sistema parlamentarista, e Goulart, no dia 7 de setembro, é empossado na Presidência. Em julho de 1962, após dias tensos, o Congresso aprova o plebiscito sobre a permanência do regime parlamentarista. Depois do referendun, em janeiro de 1963, o país vota pelo retorno ao presidencialismo, o que possibilita a João Goulart dedicar-se a implementação do Plano Trienal, o qual encaminhava as chamadas Reformas de Base.

Os estudantes tomam consciência da realidade do país, e participam, com destaque, da Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, através do método de Paulo Freire, ao mesmo tempo em que no meio urbano, o CPC (Centro Popular de Cultura) levava às favelas e subúrbios um teatro de esclarecimento, protesto e denúncia.

No dia 13 de março de 1964, com o intuito de pressionar o Congresso a aprovar as propostas de Reformas do Governo, realiza-se o Comício da Central do Brasil, onde 250.000 pessoas comparecem. O Presidente João Goulart também participa, acompanhado de governadores, generais, políticos, sindicalistas e líderes estudantis. No dia 19



Pátio interno onde os estudantes se reuniam, chamada por eles de Praça Vermelha

de março, em São Paulo, 500.000 pessoas participam da "Marcha da Família por Deus pela Liberdade".

31 de março de 1964. Tropas mineiras e paulistas tomam o rumo da Guanabara, e no dia 4 de abril, Goulart exila-se no Uruguai.

Castelo Branco, já promovido a Marechal, assume a Presidência no dia 15 de abril.

Após o Golpe Militar, grande parte do acervo do CPC é destruído no incêndio do prédio da UNE.

15 de julho de 1964. Castelo Branco assina o Ato Institucional nº 1.

Março de 1965. Estudantes manifestam-se contra o Marechal Castelo Branco, na Ilha do Fundão, e intelectuais lançam manifesto à Nação, exigindo o restabelecimento das liberdades democráticas e dos direitos individuais. Em outubro, realizam-se eleições para governadores em 12 Estados e ocorre demissão em massa de professores da UNB. Castelo Branco promulga o Ato Institucional nº 2, o qual instituiu o sistema bipartidário no país. Em 1966, é lançada a candidatura do general Costa e Silva para a Presidência da República. Em fevereiro é promulgado o Ato Institucional nº 3, estabelecendo elei-

ções indiretas para os cargos de governador e de vice-governador.

Setembro de 1966. As Faculdades de Medicina, Ciências Médicas, Arquitetura e Direito decretam greve contra o pagamento das anuidades e a política educacional do Governo. Agentes do DOPS prendem, na Faculdade Nacional de Medicina, vários estudantes, e ameaçam de prisão o Diretor Lauro Solero. A passeata dos estudantes, na Avenida Rio Branco, paralisa o tráfego e é dissolvida por choques da Polícia Militar. A Greve decretada em todas as Universidades do Rio de Janeiro se amplia por todo o país. A extinta UNE, institui o Dia Nacional de Protesto Contra a Ditadura, e vai promovê-lo com manifestações, que se iniciarão em assembleias gerais nas faculdades, e terminarão em passeatas pelas ruas centrais do Rio, com iniciativas semelhantes em vários Estados. Em assembleia realizada dentro da faculdade, mais de 700 alunos da Faculdade Nacional de Medicina referendam a greve geral, e aprovam por unanimidade, todas as reivindicações do Comando Geral de Greve.

Em plano nacional, os estudantes universitários entram em greve e só decidem voltar as aulas ou dialogam

com as autoridades, quando aceito pelo Governo os seguintes pontos: reabertura dos Diretórios Acadêmicos, Uniões Estaduais e da UNE; revogação das punições decorrentes de luta contra a cobrança de anuidades; libertação dos estudantes presos em todo o país; revogação da Lei Suplicy de Lacerda, referente ao pagamento das anuidades.

22 de setembro de 1966. Dia Nacional de Protesto Contra a Ditadura. O Reitor Pedro Calmon manda fechar as portas da Universidade Federal às 12:30h, tentando impedir a concentração dos estudantes, com quem manteve contato durante a véspera, objetivando inutilmente dissuadi-los da manifestação. O General Dario Coelho, Secretário de Segurança, leva ao governador Negrão de Lima o plano para impedir, "a qualquer custo", a concentração programada.

Apesar do aparato policial que isolou a Urca e a Praia Vermelha dos demais pontos da cidade, os estudantes realizam a passeata programada pela Avenida Pasteur, saindo da Faculdade de Economia para a Faculdade Nacional de Medicina, onde o prédio é ocupado pelos estudantes. No trajeto, os estudantes vão à polícia e o Governo, aos brados de "Fora a Polícia" e "Abaixo a Ditadura".

O Governo começa a censura aos noticiários sobre os acontecimentos estudantis nas emissoras de rádio. Com a notícia de novas manifestações de estudantes, o Centro da cidade volta a se transformar em verdadeira praça de guerra, onde a PM e o DOPS fazem distribuir, nos pontos estratégicos da Avenida Rio Branco, Largo de São Francisco e adjacências, cerca de 5.000 homens para reprimir qualquer movimento de protesto dos estudantes.

A ocupação da Faculdade Nacional de Medicina, prossegue na madrugada, devido ao impasse entre os estudantes - que prometiam sair depois de a Polícia se afastar - e a Secretaria de Segurança, que mantinha um cerco à Faculdade, e que se negava a retirar os soldados até que o prédio fosse desocupado.

Dentro da Faculdade, concentram-se mais de 500 estudantes representantes de todas as Faculdades da Universidade do Brasil, da Universidade da Guanabara e da PUC-RJ, além de secundaristas. Enquanto as portas da Faculdade Nacional de Medicina são guardadas por um grupo, a maioria fica reunida em assembleia.

3h45m de 23 de setembro de 1966. O futuro senador Mario Martins negocia a retirada pacífica dos estudantes com as autoridades. Da-se a invasão, assim descrita pela mãe de uma das universitárias cercadas, em carta à Revista Civilização Brasileira. "... a golpes de aríetes, correndo histericamente, chegam os PMs, quebram os portões da Faculdade Nacional de Medicina, e, feito uma horda de bárbaros, aos gritos e palavrões, invadem a Faculdade..."